COMO O NOSSO BOLETIM ESTÁ BONITO!

Foto SAN PAYO

OBRA DAS MÃIS PELA EDUCAÇÃO NACIONAL

«MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA»

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina. — Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8 — Telefone 4 6134 — Editora Maria Joana Mendes Leal. — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada, Travessa da Oliveira, à Estrêla, 4 a 10 — Lisboa

BOLETIM MENSAL — ASSINATURA AO ANO, 12$00 — PREÇO AVULSO 1$00

N.º 58

FEVEREIRO 1944

Foto ALBERTIS

SUMÁRIO

D. Maria do Patrocínio Figueiredo

FALECEU no dia 31 de Dezembro — quando o nosso Boletim de Janeiro se encontrava já composto — a Ex.ma Senhora D. Maria do Patrocínio de Figueiredo, Mãe de Sua Ex.cia o senhor Ministro da Educação Nacional.

Se pretendessemos dar apenas a notícia da sua morte e apresentarmos a seu Filho a expressão dos sentimentos da M. P. F., seria já tarde para fazê-lo; mas estas palavras têm ainda outro fim: tornar conhecida das filiadas uma mãe exemplar que merece que os filhos das outras mulheres também venerem o seu nome.

Um grande coração. Tão grande que nêle cabiam todos; não só a família, mas também os amigos, as criadas, os pobres...

Era, então, uma mulher em que o sentimento imperava, com prejuízo da vontade? Não. A sua qualidade dominante era a virilidade. A «mulher forte» da Sagrada Escritura.

Ficou viúva muito cedo, com cinco filhos. Bem difícil a sua tarefa! bem pesada a sua responsabilidade! Corajosa, não desanima. Confia na Providência. «É ela que governa o meu barco!», dizia. Mas aos remos está ela e o «barco» avança pelo esfôrço dos seus pobres braços de mulher.

Cuidados, trabalhos, não lhe faltam. Mas não se queixa, e com o seu exemplo e as suas palavras ensina os filhos a serem fortes.

Compreendia que o seu dever de mãe não era apenas amar e acarinhar, mas também formar o carácter dos filhos com aquelas virtudes sólidas que agüentam as provações da vida.

Tinha, no mais alto ponto, a noção das suas responsabilidades maternais.

Se pressentia qualquer desfalecimento nos filhos, estimulava a sua dedicação e espírito de sacrifício. O *dever* estava para ela acima de tudo.

Ensinava os filhos a esquecerem-se de si. De resto, para aprendê-lo, não tinham mais de que olhar para a mãe: tôda a vida não fez outra coisa senão esquecer-se de si mesmo para pensar nos outros.

O seu espírito de abnegação era admirável.

Quando uma das filhas a deixou para seguir a vida religiosa, custou-lhe muito; como não havia de custar?!... Mas não se atravessou no seu caminho. "É a felicidade dela? É a minha!"

As suas lágrimas, só Deus as via. Quando já não podia escondê-las no coração, fechava-se no quarto a chorar. E ao voltar para junto dos seus, serena e sorridente, só trazia para dar aos filhos bondade e alegria

Alegre, franca, leal, espirituosa, era muito estimada por todos. Tinha sempre uma palavra a tempo, um bom conselho.

Todas as manhãs ia à Capela do Colégio D. Estefânia assistir aos ofícios religiosos. Quando os filhos eram pequenos, não podia ir à igreja todos os dias; "não havia de aproveitar agora?!» Por fim, as suas fôrças já eram tão diminutas que nem podia com a carteira de mão... Mas lá ia. E mesmo no inverno, não queria perder a graça duma comunhão. O nevoeiro e o fim das manhãs enregeladas de Dezembro foram talvez a causa da sua morte. Mas não! Tinha chegado a sua hora. E ela sentia-o. Não quis pedir a saúde a Deus. Dizia que o Senhor lhe tinha concedido tantas graças que, agora, que a sua missão estava concluida, já não ousava pedir-lhe mais nada. "O que N. Senhor quizer!"

Os seus últimos dias foram uma doce recompensa dos seus trabalhos e virtudes: os filhos ali estavam todos à sua roda, bons, amigos e unidos como ela desejava.

A sua vida simples mas valiosa é uma lição. Guardai-a, filiadas da Mocidade!

Educar, é preparar para a vida — divina missão das mães que sabem sê-lo!

Mas o bem e a felicidade dos filhos é também a melhor recompensa das mães.

A senhora D. Maria do Patrocínio foi grande na simplicidade admirável como cumpriu o seu dever

Amou a Deus, realizou a missão que lhe foi confiada: porisso a sua memória é abençoada.

CONHECES O ESTILO ROMÂNICO?

UMA das manifestações artísticas que o homem legou à posteridade mais característica e popular, é a que encerra o monumento arquitectónico. Mas, todavia, já porque estão expostos todos os dias aos olhos dos que por êles passam, são por isso talvez os mais desprezados.

A arquitectura, pelas suas admiráveis concepções, marca sempre uma época, por isso ela caracteriza sempre um estilo. E' vulgar falar-se em estilos romano, romano-bizantino, moçarabe, românico, gótico, manuelino e renascença. Mas as filiadas da M. P. F. que decoram nos compêndios de história da arte as diversas ordens de estilos, fixaram na sua retina o que é um estilo? E se de momento podem notar a diferença que existe entre uns e outros? Quais as manifestações de arte e beleza que os distinguem para caracterizar uma época?

Pois bem, é nas linhas que seguem que vamos fixar certos exemplos que ficaram como padrões basilares duma época que os historiadores convencionaram chamar arquitectura de estilo românico; o fim em vista é realçar os melhores exemplares que ainda existem em Portugal, filiando-os na sua origem, comparando-os com outros monumentos arquitectónicos das nossas catedrais, mosteiros e paróquias rurais.

Não é grande o número dos monumentos de arquitectura românica existentes em Portugal; todavia, são ricos na sua maravilhosa concepção artística e de ornamentação grandiosa. É nas construções religiosas que encontramos os melhores exemplos.

*
* *

Foi nos começos do século de onzecentos que se divulgou no Ocidente êste género de construção e se afastou deveras do sistema da basílica romana. De princípio, foi uso formarem os tetos com lambris de madeira, mas de grande inconveniente pela sua fácil combustão e dum aspecto humilde.

O estreitamento de relações com o Oriente fez com que os povos do Ocidente adoptassem o sistema de abóbada, que não só dava estabilidade e imponência às construções, mas realizava uma completa revolução na arquitectura. A êste modo de construir se deu o nome de arquitectura lombarda, saxónia, bizantina, mas de todos o que veio a prevalecer foi a designação de arquitectura românica, assim chamada depois do primeiro têrço do século XI por alguns historiadores, porque êste estilo não era próprio de nenhum dos povos de cujos nomes se tiraram as outras designações.

Foi com entusiasmo que se fizeram as primeiras tentativas da construção no estilo românico, pois até chegaram a demolir algumas igrejas ainda em bom estado de conservação, para serem reconstruídas à maneira do novo plano.

Mas, ou porque ainda não havia artistas experientes, ou porque tais construções se desmoronavam com o pêso das abóbadas, outras foram demolidas para serem levantadas segundo uma melhor técnica, em que a resistência tivesse um fim na sua distribuïção geral de harmonia com o pêso a suportar.

Mas, com efeito, só se veio a conseguir pelos fins do século XI, e por isso mereceu então a nova arquitectura a consagração geral quando foram alcançados princípios bem definidos e mais simples com a cobertura da nave central por uma abóbada de berço — cilíndrica — com o eixo no mesmo sentido do eixo da igreja e apoiada lateralmente por grossas paredes, em arcos assentes sôbre pilares de resistência combinada, que determinava baixar e estreitar o vão, para efeito da progressividade das fôrças que sôbre ela atraíam.

Os pilares constituíam elementos preponderantes na arquitectura românica; por isso, o seu núcleo era construído em forma

de prisma quadrangular, ou em cruz, com o adossamento de meia coluna a cada uma das quatro faces, que eram destinadas a suportar os arcos duplos, cujo pilar com base larga depois do contraforte era garantia de solidez.

Nas catedrais e igrejas abaciais importava, em geral, a traça de três naves com ábside correspondente à nave central. Em alguns casos, se a necessidade do culto o exigia, formavam-se três ábsides, conforme o uso bizantino; mas, as ábsides laterais, eram mais pequenas e correspondiam às naves do mesmo nome. Eram também conhecidas por absidíolos.

A construção das igrejas rurais, em volta das quais se aconchegava o aglomerado urbano formando a paróquia, como se pode ver ainda por alguns exemplares existentes no país, eram simples e duma só nave, com uma só abside, correspondente à capela-mór.

No entanto, ao contrário, em outros templos quando era preciso fazer realçar a fama dos seus fundadores, pela grandiosidade, o número de naves era de cinco, e até de sete, com a mesma quantidade de ábsides.

*

* *

Conhecido nas suas linhas gerais o modo e traça das construções dos templos de arquitectura românica, convém saber quais são os mais importantes monumentos que nos restam ainda no país, embora tenham sofrido determinados restauros, mas cuja origem, na sua essência, carácter e traçado nos indicam que êles ainda representam o românico predominante no meio dos séculos XI e XII.

A característica mais notável que se observa na construção dos templos dêste género, é a das fachadas e pórticos principais e laterais, de meio arco de volta perfeita.

As catedrais e outras igrejas monásticas apresentam quási sempre três naves com arcos abobadados, majestosos trifórios, e alterosas tôrres sôbre o tranceptо, mas o mais completo e perfeito de todos os monumentos românicos de Portugal é a Sé Velha de Coimbra. A Sé de Lisboa, se não fôsse as grandes ruínas por que passou, bem se lhe poderia comparar, pelas suas afinidades de ornamentação, e até do mestre que dirigiu e concebeu as obras. Nesta última resta sòmente a sua porta principal.

A catedral de Braga, assim como a do Pôrto e a de Lamego, também sofreram grandes danificações. A Sé de Évora, dos fins do século XII, cuja construção se prolongou por muitos anos, quando já surgia o estilo gótico, apresenta por esta circunstância acentuadas variantes.

A par destas grandes construções de arquitectura românica, outras igrejas nos aparecem ainda levantadas por todo o país pertencentes às antigas ordens monásticas, e a paróquias rurais; seria fastidiosa a sua inumeração. Mas como ao estudante curioso que passe as férias na província e as visite, fácil será distinguir o seu estilo caracterizadamente românico, se atenderem bem no lançamento dos seus pórticos e abóbadas apoiadas nos preciosos capitéis dos respectivos feixes de colunas.

Nos fins do século XII principiou a degenerescência da arquitectura românica, que era caracterizada no arco de volta perfeita, e veio a ser posta de parte para dar lugar aos pórticos e janelas rasgadas em forma de flecha que havia de denominar-se arquitectura gótica, como acima referimos em relação à Sé de Évora, que apresenta variantes neste sentido.

Em outro artigo falaremos dêste novo estilo que se havia de chamar gótico.

José da Cunha Saraiva

1 — Igreja de Cedofeita (Pôrto). — Vista do interior, pondo em evidência a divisão dos tramos e o abobadamento. 2 — Cedofeita. — Capitéis da porta principal. 3 — Cedofeita. — Exterior. 4 — Sé Velha de Coimbra. — Exterior. 5 — Interior da Sé Velha de Coimbra. Três naves.

Cumprir até à última

ABRIRÁ hoje a pena brilhante de um venerando Prelado português que há tempos escrevia no seu semanário diocesano esta «página côr do céu da história da França»:

«Passa-se a cena em Reims, no próprio coração da Pátria. Tinha poisado há momentos na fronte de Carlos VII, conquistada à ponta de espada que desembaïnhara da alma Joana d'Arc, a corôa de Carlos Magno. A praça regorgitava de gente. Todos os olhos se fixavam naquela donzela prodigiosa, na pastorinha de Donremy que, às suas Vozes, se fizera guerreira e levara à vitória os exércitos sucumbidos da sua terra francesa. Uma consagração assim, tamanha canonização, outra ainda não fôra vista.

Ora a não sei que canto da multidão, uma voz se soltou, só ouvida pelos mais visinhos:

— Ai! quem me dera a mim ser o pai da Pucelle!

E aconteceu precisamente que, junto dêste soluço, dêste sonho de uma alma anónima, estava o pai da menina nas suas vestes pobres de camponez, os pés nos socos, o corpo apoiado ao seu cajado de filho de aldeia.

E não me admira nada que êle, assim invejado ao seu lado, lhe descobrisse o incógnito, saisse por assim dizer do anonimato, e revelasse a sua qualidade de progenitor da pequena salvadora da pátria:

— Sou eu, senhor, sou eu o pai dela!

— Logar ao pai de Pucelle — ouviu-se logo, e a tôda a praça se estendeu o grito.

O pobre labrego adeantou-se então por entre as fileiras que deante de si se abriam, e poude chegar, olhado com uma espécie de devoção patriótica, até junto de sua filha:

— Minha filha, disse êle então, cumpre, até à última, o teu dever!»

. ˙ .

Venham cartazes, cartazes berrantes — coloquem-nos por tôdas as paredes, nas ruas e nas praças; nas escolas e nas oficinas — por tôda a parte — e nos lares também — cartazes que gritem a sete pulmões:

Cumpri até à última!
Cumpri! — Cumpri!

É que se foi das consciências a noção do dever. Já não há quási quem saiba e quem queira... **cumprir.**

. ˙ .

Inventaram-se não se sabe já bem quantas morais — tôdas com o jeito de desviarem ou acobertarem a alma de ser séria, de fazer as coisas a sério — de faltar ao que é obrigação.

Venham almas novas resgatadoras dizer-nos o que é a *seriedade da vida...*

...*a seriedade do dever...*

e que, ao vivo, preguem por tôda a parte, com o seu exemplo heróico — que cumprem *com seriedade...*

...*até à última...*

. ˙ .

Dever de estado —

...dever profissional...

quem tem noção clara do que isso seja,

e quem há aí que viva obrigando-se a todo o custo, a não faltar, a não falhar?!

Dever de estado —

...dever profissional...

realizados com perfeição...

até à última — amor do pormenor, da obra bem acabada — vai sendo idéia que foi possível... noutros tempos.

Ó gente moça, ouve: tudo te exige e te reclama que voltes passado atrás,

como quem se converte,

e como quem aceita fazer um resgate por si e pelos outros — e restaures —

esta *palavra* **Dever**

e êste *conceito* **Dever**

Na tua alma e na tua carne salva e dignifica o **Dever de estado.**

Ensina-nos a... **Cumprir.**

A cumprir **até à última!**

G. A.

MULHERES ILUSTRES

DISSE em tempos um filósofo que a mulher não era inferior ao homem mas equivalente a êle e que um e outra se completavam no exercício das suas missões neste mundo. Há decerto homens mais inteligentes que mulheres e mulheres mais inteligentes que homens, mas dizer que os homens são, em conjunto, mais inteligentes que as mulheres, é coisa mais fácil de dizer que de provar e os homens seriam suspeitos se tentassem demonstrá-lo.

D. Maria I, Raínha de Portugal

Ainda que fôsse possível demonstrar que os homens são, em conjunto, mais inteligentes que as mulheres, restaria ainda a estas a consolação, e não seria pequena, de dizerem que as coisas mais extraordinárias que se têm feito no mundo são devidas a apêlos à sensibilidade e não à inteligência.

Maria Amália Vaz de Carvalho

Jesus Cristo, ao fundar a Sua Religião, não apelou para a inteligência dos seus ouvintes, da mesma forma que o amor da Pátria não resulta de apelos à inteligência, mas sim ao sentimento das pessoas.

O que acontece é que os homens detêm as posições de comando e influência e têm um treino que falta às mulheres. No entanto tem havido mulheres que subiram a alturas que os homens atingem poucas vezes: basta lembrar Raínhas como Izabel de Inglaterra, Cristina da Suécia, Maria Tereza de Áustria, Catarina da Rússia e a nossa D. Maria I, que mostrou tão notáveis qualidades de Chefe e de estadista que agora são reconhecidas depois de terem sido injustamente negadas; pintoras como Madame Vigée — Lebrun; cientistas como Madame Curie; mulheres de letras como Maria Amália e Carolina Micaëlis e artistas como Guilhermina Suggia.

Raínha Guilhermina, da Holanda

Um dos Chefes de Estado mais notáveis do nosso tempo pela inteligência, coragem e amor do seu povo é a Raínha Guilhermina da Holanda, tão querida e venerada pelos holandeses. Marcel Prévost refere-se a Ela no seu interessante livro «Lettres à Françoise», escrito há mais de trinta anos, dizendo que a sua condição de mulher facilitou até uma vez a sua missão de Chefe de Estado. Foi quando ela recebeu carinhosamente o Presidente Kruger, exilado do Transval e refugiado na terra dos seus maiores. Prévost acentuou que a Raínha nenhum perigo correu de melindrar os inglêses, pois ela, além de Raínha, era mulher, e fica bem às mulheres socorrerem os desgraçados.

E' possível que algumas raparigas portuguesas conheçam as «Lettres à Fraçoise», e as tenham lido com agrado, pois elas tratam de assuntos que nunca envelhecem, e que são o Amor, a Lealdade, a Beleza, a Família e a Pátria.

Augusto Mendes Leal

Madame Curie

BAILADOS PORTUGUESES "VERDE GAIO"

Bailado da terra e do mar

D. Sebastião

DE novo se apresentou em S. Carlos o Grupo do "Verde Gaio", em espectáculos realizados com a colaboração da Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional. A criação dum grupo de bailados portugueses, com carácter permanente e continuidade garantida, veio preencher uma das lacunas da actividade musical do país. Nas suas múltiplas modalidades — desde a Pantomina clássica, o "Mask" inglês medieval, os "Ballets de Cour" da Renascença e os do século de Luís XIV, os Intermédios do Palácio de Queluz, a dança teatral da Ópera, até ao "Poema Corègráfico " moderno e ao "Bailado russo" criado no comêço da época actual — esta forma de arte constitui um dos capítulos necessários da história da música. Particularmente digno de atenção é, também, o bailado nos seus tipos populares de criação espontânea — dentro dos limites naturais em que esta expressão se pode admitir. O estudo comparativo das danças populares está ainda por fazer, mas tudo indica que êste género musical não se difunde nem deforma de maneira tão fácil como a canção pròpriamente dita. A estrutura plástica da dança tem carácter mais fixo e permanente do que o canto popular. Neste, as alterações modais e tonais, as modificações agógicas, as variantes melódicas e rítmicas, explicam-se pela sua essência puramente musical. As danças do povo mantêm, por natureza, tipo de fenómeno localizado, e podem, sob êste aspecto, colocar-se em paralelo com as lendas regionais em literatura. A cada país, a cada região, correspondem, portanto, formas de danças individualizadas, prontas a fornecer elementos vivos à ètnografia das diferentes terras. Eis porque o Secretariado da Propaganda Nacional, prosseguindo a orientação, tantas vezes expressa, de divulgar as manifestações artísticas do povo português, deu ao grupo de bailados o nome de "Verde Gaio". Ao reünir êste núcleo de bailarinos, músicos, pintores, decoradores, figurinistas e poetas, integrados numa idéia comum — a formação do Bailado popular português — adoptou uma designação folclórica. Assim, também, se justifica a escolha de Francis Graça — para a direcção da corègrafia e encenação — e a de Frederico de Freitas — como director da Orquestra, — visto que ambos têm largamente contribuído para a expansão das formas de arte populares portuguesas, e são, cada qual no seu campo, artistas especializados.

Inês de Castro

★

Da influência do "Bailado" sôbre a pintura moderna e, em geral, sôbre as artes decorativas, desnecessário se torna a falar. Baskt — um dos primeiros a reagir contra a decoração teatral realista, com o "Shéhérazade". "L'Aprés Midi d'un Faune" e "Saint-Sébastien" — Roerich no "Principe Igor" e no "Sacre du Printemps" — Benois decorador do "Rossignol" e da "Petrouchka", — assim como muitos outros pintores europeus — Picasso, Matisse, Braque, Derain, Almada Negreiros, Sara Gurmêndez, Marie Laurencin, Vieira da Silva, Arpad Szenés — alguns dos quais tivemos ensejo de admirar na "Exposição de Pintura Francesa Contemporânea" —, estão ligados a esta forma de arte. A influência sôbre os músicos foi, naturalmente, maior, porque o "Bailado" é música em acção, música desenhada no espaço, vivida em gestos e atitudes, animada de luz e de côr. Strawinsky, Prokofieff, Manuel de Falla, Ernesto Halffter, Ravel, George Auric, Honegger, Jean Françaix, deram-lhe lugar preponderante na sua obra. Entre nós, poucos nomes podemos apontar, se não falarmos dos autores dos Bailados a que assistimos em S. Carlos, graças à iniciativa do Secretariado da Propaganda Nacional. As obras apresentadas pelo grupo "Verde Gaio" pertencem a géneros diferentes, mas tôdas estão filiadas no conceito da "mímica interpretativa". A substância essencial reside no texto poético-musical, e a "mímica" — elemento complementar — em vez de sobrepor-se, deve constituir desdobramento visual do seu sentido interior, projecção plástica que fixe, em síntese, no plano do espaço, a linha, a harmonia, o ritmo, — a intenção do poema. Por mais rico e deslumbrante que seja o cenário, por mais bela que seja a corègrafia, o Bailado não pode viver sem uma boa Orquestra e um bom regente. Foi a incompreensão dêste princípio fundamental que apressou a queda dos Bailados de Sergio de Diaghilew que outrora arrebataram os públicos da Europa e da América.

Eduardo Libório

O homem do cravo na boca

Inês de Castro

Dança da Menina Tonta

Viagem da Comissária Nacional da M. P. F. a Faro

PARA realizar uma reünião com as Dirigentes da M. P. F. da Província de Algarve, esteve em Faro nos dias 29 e 30 de Janeiro a Ex.ma Comissária Nacional D. Maria Baptista dos Santos Guardiola.

Tomaram parte na reünião as Ex.mas Senhoras Delegada Provincial e Sub-Delegadas Regionais, e tôdas as Directoras de Centro, que se deslocaram das suas Terras até Faro, o que mostra o interêsse das Dirigentes da M. P. F. pela Organização em que dedicadamente colaboram.

Nessa reünião de estudo, que resultou muito útil, foram debatidos problemas locais relativos à M. P. F. e esclarecidos vários pontos importantes sôbre a Organização.

UM DIA QUE NÃO PASSA

QUE saüdades!... Parece-me vêr ainda o entusiasmo que no sábado, 22 de Maio, reinava nos corações das filiadas do Centro do Colégio do Sagrado Coração de Maria, da Ala da M. P. F. de Guimarães, no arranjo e ornamentação dos carros de bois, que no dia seguinte, 23, iriam fazer de «Cruz Vermelha» às menos resistentes, até ao alto da bela montanha da Penha, em fervorosa peregrinação, implorando a paz.

Que saüdades!... Julgo ver ainda o raiar do sol no dia 23 do belo mês de Maio, consagrado à Virgem Imaculada, Nossa Padroeira e Mãe!

Às 7.30 da manhã, acompanhadas pela muito querida e dig.ma sub-delegada regional e directoras de Centro, quási todas as filiadas desta velha cidade de remotas e lusas tradições estavam reünidas na histórica Igreja de N. S.a da Oliveira para receberem a bênção do SS.mo Sacramento, afim de iniciarmos com a bênção de Deus essa romagem de amor e reparação ao alto da Penha, montanha da Virgem, tão íngreme, mas tão saüdável e maravilhosa.

Fomos pedir à Virgem Padroeira a Paz para todo o mundo, a continuação da Paz no nosso querido Portugal, o bom resultado dos exames, e todas as graças que necessitamos. À frente iam as filiadas do Liceu Martins Sarmento e da Escola Industrial Francisco de Holanda, seguidas pelas suas companheiras do Sagrado Coração de Maria.

Fechavam a peregrinação as filiadas fardadas, seguidas imediatamente pelas garridas e engraçadas ambulâncias (os carros de bois). Durante o trajecto cantámos e rezámos com todo o entusiasmo de corações juvenis e de almas em flôr. Graças a Deus nenhuma desmaiou.

A meio do caminho, as ambulâncias encheram-se porque a caminhada era demasiado longa para muitas, principalmente para as nossas queridas lusitas.

Uma vez chegadas, cantando sempre, fomos visitar a gruta de Nossa Senhora do Carmo, há muito escondidinha debaixo de uns enormes penedos, e encomendar à Virgem os nossos pedidos. Depois, enquanto nos dispunhamos para assistir ao Santo Sacrifício da Missa, um grupo de filiadas das mais velhas ornamentou o altar com as flores trazidas pelas filiadas para êsse fim.

Celebrada a Missa, com uma formosa alocução pelo celebrante, fomos almoçar. Terminado o almôço, as filiadas dividiram-se em grupos, e enquanto umas se entretinham a jogar, outras aproveitavam a ocasião para tirar fotografias. Assim se passou a tarde. Por volta das 6 horas a dig.ma sub-delegada reüniu todas as filiadas para fazer um sorteio. Dividiram-se em dois grupos. Dum lado lusitas e infantas, do outro vanguardistas e lusas.

Foram muitas as premiadas. Porém para contentar as menos favorecidas pela sorte, no sorteio, recorreu-se àquêle jôgo tão conhecido mas engraçado: dum fio horizontal estavam suspensos outros contendo bolachas nas extremidades.

Era interessantíssimo vêr as atitudes das nossas lusitas, esforçadas em conseguir apanhar, sòmente com a bôca, as bolachas. Quando alguma conseguia apanhar aquilo que a fazia dar um salto e andar numa roda-viva, era um delírio!... Até algumas das maiores quizeram tomar parte neste infantil mas interessante divertimento.

Finda esta brincadeira, e depois de se ter feito as honras devidas a um bom lanche, dirigimo-nos para a Capela para assistirmos ao mês de Maria e recebermos como remate da nossa peregrinação a bênção do SS.mo Sacramento, sendo feita nessa ocasião a consagração da M. P. F. de Guimarães ao Imaculado Coração de Maria.

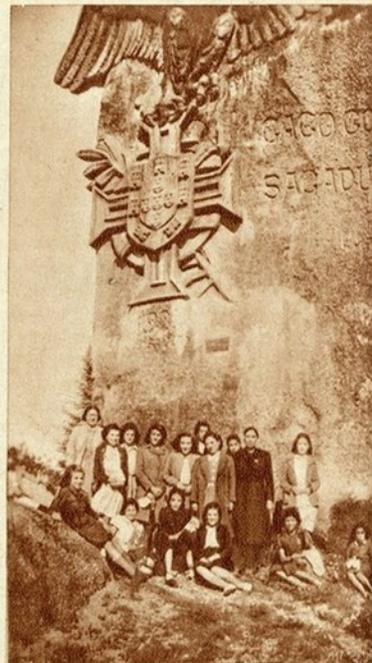
Momentos depois do regresso tivemos um lindo côro falado que inflamou mais ainda, se foi possível, o nosso coração, dispondo-nos a trabalhar sempre mais e melhor, por Deus, pela Pátria e pela Família.

Depois... cantando e rindo... alegremente, e dando entusiásticos vivas a Portugal, aos nossos Chefes do Govêrno e à Organização a que temos a honra de pertencer, puzemo-nos a caminho de Guimarães. Traziamos nas nossas almas muita alegria... mas também... muitas saüdades dêsse feliz dia que jàmais poderá ser por nós esquecido. Era mais um dia que passa e não passa.

Guimarães, Maio de 1943.

Maria Margarida Lôbo Machado

Directora do Centro, 2 — Colégio do Sag. Coração de Maria

GUIMARÃES. Penha. Um grupo de filiadas junto do monumento a Gago Coutinho e Sacadura Cabral

GUIMARÃES. A bandeira da M. P. F. junto à Cruz que encima a Penha

Guida

RAPARIGA DE HOJE

MARIA ADELAIDE está inquieta; a pequenita vai à janela e cada vez que batem à porta corre a ver quem é, tropeçando no Tareco que, cauda no ar, se lhe quere roçar nas pernas em meigas carícias.

Desiludida, entra no quarto de Guida, dizendo:

— Ainda não são elas, Guidinha.

Naquele dia, em que não tem colégio, acompanhada da mãe, da irmã, de Luz, Joaninha e Ana Maria, vai visitar uma creche, obra encantadora, que salva da morte e da miséria numerosas crianças.

Maria Adelaide tem o delírio dos bébés, bonecas vivas, que melhor que as de pasta, satisfazem o seu instinto maternal duma precocidade desconcertante, que a levam a só achar encanto nos bebesinhos de colo que se deixam embalar sem protestos. D. Elena de Albuquerque, que deseja fazer das filhas mulheres úteis e com o sentimento da caridade que deve ter tôda a cristã, teve a idéia de ir visitar a Creche com as pequenas que já a acompanham muitas vezes nas suas visitas aos pobres.

Não quere esta mãe exemplar que as filhas sejam mais tarde dessas senhoras que num egoísmo atroz não conhecem pobres e quando querem dar uma esmola não sabem a quem a dar, e dispendem quantias fabulosas em inutilidades sem que no seu coração vibre a mais pequena parcela de dor ao lembrar que há quem não tenha que comer, que vestir, que calçar.

Guida, conversando com as suas amigas, falou-lhes nessa visita, e como elas manifestassem o desejo de conhecer a Creche, combinaram uma tarde em que estivessem mais livres de aulas, e, reunindo-se tôdas em casa de Guida, seguiriam juntas. D. Elena, sócia protectora da Creche, tem sempre facilidades de a visitar, tanto mais que muito trabalhou nela, antes de ser entregue às Irmãsinhas, que, vivendo só para as pobres, têm mais tempo para lhes dedicar do que quem tem casa e filhas a dirigir, como acontece a esta senhora e a tantas outras.

D. Elena, já pronta, dá as suas últimas ordens na cozinha às criadas, antes de sair.

Guida, muito gentil no seu casaco castanho com gola de lontra e uma graciosa toque da mesma pele cobrindo-lhe o cabelo, juntou-se a Maria Adelaide na janela esperando as amigas.

Quando as avistaram, Maria Adelaide correu a chamar a mãe e Guida desceu a escada apressada. Depois de se beijarem, Maria Adelaide, impetuosa, disse-lhes:

— Vocês nunca mais vinham, já estávamos a ver que não apareciam.

D. Elena, que descera serenamente, repreendeu as filhas:

— Oh! Meninas, que excitação, não deixaram subir as suas amigas, nem as deixaram descansar.

As pequenas, em côro, protestaram que não estavam cansadas e puseram-se tôdas a caminho. Como a Creche não era longe, foram andando a pé, porque com os eléctricos cheios como andam sempre, seria difícil arranjar lugar e um táxi não as levava tôdas.

A' porta da Creche estavam numerosas crianças dum bairro miserável, que às três horas vêm comer uma sopa que as boas Irmãsinhas lhes servem.

Maria Adelaide começou logo a sentir-se encantada com as mais pequenas, que caritas sujas e cabelos por pentear há muito, não inspiravam confiança a D. Elena para que a pequenita lhes pegasse.

Quando a alegre Irmã Margarida abriu a porta e reconheceu as visitantes, foram recebidas com grandes manifestações de amizade e conduzidas logo para a sala dos bébés, uma grande sala ripolinada a branco, com 20 berços, dez de cada lado.

Para os rapazinhos, dum lado da sala, os berços são pintados de azul com colchas de riscado miüdinho azul e branco e cortinados de cambraia branca com folhinhos de riscado igual à colcha. Do outro lado, os berços das meninas são pintados de côr de rosa e cortinados e colcha iguais aos dos rapazinhos, mas em rosa.

Em tôda a sala há um ar de extremo asseio que encanta e as crianças, deitadas nos berços, dormindo umas e acordadas outras, respiram o mesmo ar de asseio e bem estar.

D. Elena recomendou às pequenas que não acordassem as que dormiam, explicando-lhes o que é para as crianças o sono e o bem que lhes faz dormir.

Assim, as pequenas, sem barulho, cercaram os berços das pequeninas acordadas, brincando com elas. Maria Adelaide pediu à Irmãzinha que lhe deixasse pegar num dos bébés e a Irmã, tirando-o do berço, pôs-lhe nos braços um rechonchudo pequenino, que minutos depois protestava em gritos contra a improvisada mamã. Tôdas as pequenas lhe quiseram pegar para vêr se o calavam, mas em todos os braços o pequenino chorava, acordando os outros com os seus gritos. Quando Joaninha lhe pegou, encarou com ela, sorriu, recostou-se-lhe nos braços e adormeceu serenamente.

Isso causou desgôsto em tôdas as pequenas, mas sobretudo Maria Adelaide sentia-se desconsiderada:

— Não te zangues, Laidinha, é porque eu, como tenho muitos irmãozinhos, estou costumada a pegar-lhes e faço-o com mais jeito.

— Se tu me ensinasses êsse jeito eu gostava tanto!

— Quando fôres crescida já terás jeito.

— Pois sim, mas a Guida, a Luz e a Ana Maria são grandes e não o têm.

D. Elena, sorrindo, e depois de Joaninha ter deitado a criança, foi-as levando para a porta e dizendo:

— Vocês alarmam as crianças. Não vêem que muitas, acordadas, já choram? Quando tôdas fôrem senhoras, se casarem e tiverem filhos, já terão jeito para lhes pegar. É natural na mulher.

— Mas a mãe bem viu que o menino gostou da Joaninha sem ela ser a Mãe dele, disse Maria Adelaide.

Em seguida, dirigiram-se à sala de banho, graciosíssima com as suas banheiras em ferro esmaltado, onde tôdas as manhãs os bébés são lavados cuidadosamente quando chegam. Visitaram também a cosinha onde se estava fazendo a sopa para as pobrezinhas e as papas para as internadas, que ainda não comem de tudo. Sôbre o fogão estavam dois grandes panelões que a Irmã destapou mostrando os biberons, que são fervidos para ficarem esterilizados.

Passaram depois à sala das crianças de 2 anos para cima, mobilada com mesinhas pequenas e cadeirinhas pintadas a branco. No jardim, numerosos bébés brincavam com bonecas e eram vigiadas por uma Irmã nova e linda, que parecia a Irmã mais velha dos pequeninos. Ali, as pequenas sentiram-se felicíssimas; os pequeninos corresponderam às suas carícias e rodeavam-nas para brincar com gargalhadas que as encantavam.

A certa hora tocou uma sineta e a Irmã pondo-os em forma, a dois e dois, levou-os para a sala de jantar ajudada pelas visitantes.

Sentados nas mesas à sua estatura e depois de se benzerem — com um arzinho de compreensão, os mais vèlhinhos, — começaram a comer a sua sopinha, uns, a sua papa, os mais pequeninos.

Tôdas as visitantes fôram bem sucedidas com o bébé que tinham escolhido e fizeram-nos comer com muito juízo, felizes por ajudar as Irmãs que têm imenso que fazer com tantas crianças a seu cargo e tudo tão em ordem.

Tomada a refeição, fôram vêr a rouparia cheia de armários com as roupinhas muito bem arrumadas e onde as Irmãs realizam prodígios de habilidade fazendo roupinhas com tudo quanto lhes dão, já usado.

Tinham naquêle dia recebido um presente de enxovaisinhos lindos, que as tinham maravilhado e mostraram com o santo orgulho de quem faz o bem.

Visitaram ainda o despensário, e, antes de sair, fôram à

(Conclui na página 13)

O LAR

O PÃO

QUADROS DE
RAQUEL ROQUE GAMEIRO OTTOLINI

Fotos Martinez Pozal

Coser do pão

Amassar do pão

A arte de fazer pão é uma das mais antigas da humanidade. Têm sido encontrados bocados dêle em aldeias lacustres e outras ruínas da mais remota antiguidade. Mas êsse pão não era, nem das mesmas substâncias, nem do mesmo fabrico do que o actual. — A sua evolução tem-se dado lentamente. Na sua primeira forma era fabricado, ao que parece, com farinha de bolota, cevada e com trigo «selvagem» que tinha apenas um grão ou dois. — Na Caldeia e no Egito têm-se encontrado nos páteos das casas desenterradas, moagens primitivas ao lado dos fornos, em que o grão era pisado ou moído grosseiramente. O pão nem sempre era levedado, o que o tornava mais duro e baixo. Na Bíblia lê-se freqüentemente referências a êle, tais como: «Abraão disse à Sara, sua mulher, vai depressa pisar grão e faz bolos (ou pão) sôbre o lar». Numa passagem da Genesis, dizem de Lote «que deu uma festa e fez pão sem levedura».

Ainda hoje os judeus, quando comemoram a saída do Egito, comem pão sem levedura, que se assemelha a bolacha.

Os Egípcios dos séculos mais civilizados comiam já pão branco de trigo e a forma, que lhe davam, é-nos revelada pelos baixos relevos dos seus monumentos; uns pequenos e redondos e outros rôlos compridos. Os gregos e romanos apreciavam muito o pão e faziam-no nas suas casas. Só depois de 168 A. C. é que abriram padarias em Roma. O seu funcionamento começou logo a ser regulado pelo Estado. Em Pompeia foram encontrados pãis com o nome do padeiro gravado, provàvelmente para se pedirem satisfações, se o pêso e gôsto não estivessem conformes à lei. No entanto as moagens ainda eram rudimentares. Vê-se no túmulo dum padeiro todo o processo do fabrico; as mós eram postas a moer pelo contínuo andar dum burro, dum boi ou... dum escravo. Mas também tinham «azenhas» de água, como as nossas, no campo. Lembra-me de ter visto uma dessa época, perto das Pedras Salgadas. — O trigo vinha para Roma do norte d'África e do Egipto. A grande luta entre Marcus António (o apaixonado de Cleópatra) e Octávio (depois Augusto) foi bàsicamente uma questão de quem ficava com o celeiro. Cleópatra além duma beleza sedutora era a senhora da Paz em Roma, que sempre ela dependeu da fartura do pão. A célebre frase romana que nos ensina que o povo para estar contente precisa «de pão e circo», continua com actualidade. E' difícil fazer ver razão a pessoas mal alimentadas e os divertimentos, simples e sàdios, sempre fizeram bem.

Na Idade-Média também estava regulado o funcionamento das padarias. O preço do pão variava, por lei, com o do trigo, que evidentemente dependia das colheitas. Os castigos aplicados aos padeiros que infringiam esta ordem, eram severíssimos, tais como: pregá-lo pelas orelhas à sua própria porta... Não devia ser agradável ter essa profissão, pois que nas freqüentes «fomes» dessa época, não era raro as povoações amotinadas e de estômago vazio, enforcarem um padeiro ou dois. — A própria Revolução Francesa que, preparada de longa data, parecia basear-se quási que só ùnicamente em ideais intelectuais, como o implicam os panfletos do tempo, foi no entanto desencadeada no ano em que faltou pão em Paris. Triste maneira de arranjar de comer! queimando, saqueando e matando, apenas acabaram com o pouco que havia. Na nossa terra o problema foi sempre difícil. Nunca em Portugal houve bastante trigo para fazer pão branco para todos. E' certo que também se passava bem sem êle. Nas províncias havia o pão de milho[1] e de centeio; amassados, tendidos e cosidos em casa. A não ser no Alentejo e na Estremadura pouco se pensava em «pão alvo». As nossas maiores cidades foram sempre as suas grandes consumidoras. Infelizmente êsse hábito de luxo (porque para nós o é) foi alastrando para o campo, e tornando êsse problema cada vez mais complicado. Enquanto podia vir fàcilmente do estrangeiro, embora saísse caro à nossa economia, estava mais ou menos solucionado. Já antes da guerra o govêrno pensando em Portugal se bastar, fêz a «Campanha do Trigo» que deu bastante resultado. Mas como não nos é possível, por variadas razões, cultivar êsse cereal em quantidade, senão no centro e no sul do país, não poude dar uma solução completa a êste problema. — Temos de voltar ao pão de mistura ou ao de centeio e milho, diz o Sr. Dr. Júlio de Melo e Matos, se quisermos ter fartura. E' certo que ainda são consumidos em abundância em vários pontos do país, e que na Beira «o pão» é sempre o de centeio. No entanto em maus anos cerealíferos, como o passado, nem êsse chega. — A agricultura mais ainda do que qualquer outra actividade, está sujeita às contingências do tempo e portanto à vontade de Deus. Nem o esvosear das Revoluções, nem as leis dos homens podem fazer medrar as espigas. Temos hoje, como sempre, de rezar a oração em que pedimos ao «Nosso Pai» que continue a dar-nos o «pão nosso de cada dia».

FRANCISCA DE ASSIS

(1) O milho só foi introduzido na Europa depois das conquistas dos espanhóis na América. (1515)

TRABALHOS DE MÃOS

AINDA estamos no inverno, mas vai sendo tempo de preparar as nossas blusas e casacos de malha para a primavera.

Damos hoje três modêlos graciosos para raparigas.

As blusas ficarão lindamente debaixo do casaco nos dias frescos e servirão igualmente para o verão.

São próprias para desportos.

GUIDA RAPARIGA DE HOJE

(Conclusão da página 11)

capela onde a Imagem de Maria Santíssima com o seu Filhinho ao colo preside, sorrindo, àquela obra de caridade, a mais sublime de tôdas: cuidar e fazer desabrochar flores humanas, nascidas no áspero e duro terreno cheio de cardos da miséria e do abandono.

Para sair, atravessaram uma sala onde comiam as mães e irmãos de alguns dos pequeninos, desgraçadas, miseráveis, que descidos das fúrnas de Monsanto e de casebres, nem tinham aspecto de gente.

A Irmã, sorrindo, disse-lhes: Ainda agora, depois do Estado Novo ter feito os bairros para os pobres, já não são tão numerosos; mas é ainda muita a miséria e são precisos muitos bairros e muito serviço social para civilizar êstes desgraçados.

Já na rua, as pequenas comentavam o que tinham visto, mas a verdade é que o espectáculo daquelas pobres desgraçadas tinha-lhes estragado o encanto da visita.

Guida entristeceu e quando em casa tomavam chá e Maria Adelaide com a inconsciência dos poucos anos só falava das salas lindas e do *Manuelzinho*, do *Joãozinho* e da *Lucindinha*, exclamou:

— Tudo isso é muito bonito. Mas que mal se devem sentir aquelas crianças quando à noite vão para os antros daqueles desgraçados. Não será peor para êles, mãe, verem outras coias melhores e habituarem-se a confôrto?

Tôdas as pequenas concordaram com essa opinião.

D. Elena disse-lhes:

— Não, filhas, é melhor que as crianças tenham uma boa alimentação e higiene numa idade em que a mortalidade é terrível, e, além disso, aquelas crianças nem tôdas são filhas das miseráveis que hoje viram. Muitas delas têm mães que trabalham em fábricas, em modistas e que se ficassem em casa estariam abandonadas.

A creche é necessária para auxiliar as mães, socorrendo os filhos, e é uma das mais úteis obras de caridade.

Guida beijou a mãe e disse:

— É bem verdade isso, mas quando vejo esta horrivel pobreza, quási que sinto remorsos de não me faltar nada.

Luz, com um dôce sorriso, acrescentou:

— Olha, Guida, tens razão, mas sabes a maneira de atenuarmos êsse remorso é fazermos economias do dinheiro que nos dão e auxiliarmos a Creche comprando lã e fazendo casaquinhos, porque quem tem razão é a Senhora D. Elena: é preciso salvar as crianças para que mais tarde elas não sejam umas miseráveis como as que vimos hoje, mas sim bons trabalhadores, úteis a Deus, à Pátria e aos seus.

Ana Maria concordou com a ideia de Luz e as pequenas combinaram contribuir todos os meses para a Creche.

Joaninha, com o seu ar de bondade, disse beijando Maria Adelaide, que estava sentada no seu colo:

— Quanto me sinto contente de ter aceitado mais uma explicação êste ano, poderei contribuir para essa linda obra.

D. Elena no íntimo do seu coração agradeceu a Deus que dá à mocidade tão lindos sentimentos, e as pequenas, animadas com esta boa resolução, continuaram a conversar alegremente como de costume.

Maria d'Eça

UMA FAMILIA PORTUGUESA

E contrastando com o seu desgôsto horrivel ouvia-se agora o estalejar duma alegre girandola de foguetes, festejando a inauguração da Casa dos Pobres.

O senhor Santos estava felicissimo, ao vêr a alegria que a sua generosidade provocava. A mulher, porém, pouco sensivel às delicadezas, achava aquêle gasto mal empregado.

— Fizesses antes um cinema, ao menos dava lucro. Que tiras tu daqui, criatura?...

— O' América, não fales assim! Não tiro lucros, não, mas tiro alegria e satisfação!

— Lérias — concluiu D. América.

E também na Tôrre, à chegada do senhor Santos com as filhas, caiu como uma bomba a noticia do jornal.

— O malandrão! — gritava o comerciante, de olhos esbugalhados.

— Que grandecissimo canalha — completou D. América — enganou-nos a todos!

Suzette ainda tentou dizer:

— Não é êle... não pode ser êle!

Mas logo o pai a mandou calar com rudeza:

— A menina cale-se. Não sabe o que diz.

Não sabia êle, coitado, o trabalho que se fazia na cabeça ôca da filha...

XI

Na cidade e no campo

Suzette fechara-se no quarto; arrumara roupas e vestidos numa mala de mão; metera na carteira 8 notas de 100 escudos que constituiam as suas economias, e, dizendo que tinha uma enorme dôr de cabeça, não desceu à casa de jantar. Em vão D. América tentou entrar, batendo à porta do quarto e chamando:

— Suzette! O' Suzette!

A filha gemeu de dentro uns vagos monosilabos, pediu que a deixassem dormir até tarde, e não abriu a porta. De madrugada desceu a escada de mansinho, destrancou o portão e, com a pesada maleta na mão, saiu de casa.

Já os jornaleiros vinham chegando, e, chamando um garôto, Suzette entregou-lhe a mala e seguiu com êle para a estação das camionetas. Uma hora depois partia para Lisboa, sem um pensamento para os pais, para a irmã... E, como ela tinha pedido que a deixassem dormir até tarde naquela manhã, muitas horas se passaram antes que dessem pela sua fuga.

Suzette dirigiu-se primeiro a casa da tia, a quem disse, simplesmente, que vinha passar com ela uns dias, como já se tinha combinado. Almoçou serenamente, conversou e declarou que ia ao cabeleireiro renovar a «permanente», facto que a tia não estranhou.

Foi, porém, ao Limoeiro que Suzette se dirigiu, pedindo para falar ao russo Wladimir.

— Não me parece isso fácil, menina — disseram-lhe.

— Só lhe digo umas palavras e podem ser diante de si — tornou ela, persuasiva.

— Arrisco-me a ser castigado — tornou o homem.

Uma nota de 50 escudos foi metida na mão dêle. Mas o homem recusou.

— Por dinheiro é que não. Olhe, a menina é tão novita que não deve ser perigosa. Ande lá para diante que o tipo está ali...

E Suzette entrou de mansinho...

— Suzette! — gritou o russo, agarrando-lhe a cabeça.

— Fugi de casa! E vou consigo para onde você fôr, Boris.

— Tenho de ser julgado ainda; mas como não há provas devo ser pôsto na fronteira como indesejável — tornou êle.

— E eu?

Boris abanou a cabeça.

— És menor, Suzy...

— Fui emancipada há pouco, tenho dezoito anos! — gritou ela, triunfante.

— Então... vamos embora! — e Boris beijou-a nos olhos.

— Se pudéssemos casar já — murmurou Suzette.

— Não pode ser, Suzy. Vai para a tua tia e depois, veremos...

Para evitar que descobrissem a sua ideia, Suzette escreveu ao pai. Apenas lhe dizia que, triste e neurasténica, resolvera vir passar uma semana a casa da tia, que a deixassem em paz por uns dias. E como a própria tia, por seu punho, escreveu umas linhas a sossegá-los, Suzette pôde preparar em Lisboa o seu louco projecto.

Por falta de provas foi o russo julgado indesejável, tendo êle pedido para sair de Portugal por mar. Embarcaram os dois, com as carteiras bem recheiadas de dinheiro, para Marrocos, à aventura!

— Vamos fazer cinema, Boris! — dizia a pobre louca, caminhando sem rumo, sem principios, sem religião, sem moral, como um destroço que, tarde ou cedo, seria desfeito no mar da Vida...

Enquanto estas coisas se passavam em Lisboa, enchendo de indignação uns e de vergonha outros na aldeia, Pedro, no seu curso de medicina, ia-se distinguindo entre os colegas, estudando e trabalhando com entusiasmo.

Jantava tôdas as semanas em casa dos Britos e todos os sábados em casa dos primos Mellos, que muito o estimavam e apreciavam. A sua paixão por Gabriela de Menezes não diminuira, longe disso, e já não tinha dúvidas algumas a êsse respeito: o seu sonho era obtê-la.

— Gabriela — resolveu-se êle a dizer numa dessas noites — gosto de si a valer, sabe?

Gabriela, vestida de encarnado, com o cabelo preto e luzidio penteado em farripas, as faces cheias de «rouge», os beiços côr de cereja e uma enfiada de dentes brancos e pequeninos que seguravam uma longa boquilha, encarnada também, respondeu:

— Pedrinho, não embirro nada consigo; mas quero saber o que me espera como vida...

Pedro, com tão claro positivismo, sentiu-se desapontado:

— O que a espera como vida? — repetiu êle.

— Sim, o que conta você fazer? Profes-

D. Maria da Luz deixou-se cair no canto do sofá a soluçar

sor? Médico de aldeia? Especialista em Lisboa?

— Seduz-me bastante ser médico de aldeia — respondeu Pedro, depois de hesitar um pouco.

— Pois isso é que nada me seduz a mim. Eu gosto de brilhar, de dar na vista, de ser admirada, de andar bem vestida, de me pintar, de voar de avião, de guiar o meu carro...

Pedro interrompeu-a:

— Gosta de mim, Gabriela?

— Responda você, Pedro. Tudo o que acabo de lhe dizer é para mim imprescindível; portanto, acha que gosto de si?

E Gabriela riu com uma despreocupação que era quási... cinismo.

Como era evidente, tão evidente, que Gabriela não gostava dele!

Pedro baixou a cabeça e; desde êsse dia, nunca mais lhe falou de amor.

Era um sonho desfeito... Em casa dos Britos bem sentia os lindos olhos de Carolina, habitualmente duros, poisarem-se nos seus com menos dureza; mas nunca tivera por ela a menor atracção... E o seu feito sêco causava-lhe antipatia. Dedicou-se ao estudo com maior ardor, mas a sua alma entristeceu com o desapontamento amoroso e nada o consolava do desamor de Gabriela!

Nessa altura matriculou-se Hugo na Faculdade de Direito em Lisboa; e era para o irmão mais velho o companheiro que êle mais poderia desejar.

As férias na Casa do Pinheiro eram muito apreciadas por todos; e se Pedro, na sua melancolia, não tomava sempre parte nas festas alegres que organizavam entre si, Hugo, esquecido já da menina do liceu de Leiria, cada vez mais se sentia prêso à boa e simples Luiza, que nada tinha já da ridícula Lisette doutros tempos.

Helena não recuperara a alegria, é certo; mas a actividade a que a obrigavam os seus múltiplos deveres na Juventude Católica, enchia o seu tempo de manhã à noite. E o seu desgôsto amoroso tornara-a um pouco grave.

Outro desgôsto estava porém a preparar-se para aquela família tão boa e unida...

Perfeitamente louca de dôr, a boa tia Angélica escrevera a D. Maria da Luz: — «Querida Luz, nem sei como tenho ânimo para te dar uma notícia extraordinária e triste..

D. Maria da Luz interrompeu-se e pôs a mão no coração. Depois dum momento continuou: «O meu afilhado, o teu Joaquim, que fizera o último exame do curso do liceu, veio ter comigo e declarou que queria partir para a África! Que já tinha bilhete comprado, que o vapor saía no dia seguinte, que já nem ia despedir-se de ti e dos irmãos e... partiu a bordo do «João Belo» esta manhã!!!»

D. Maria da Luz não pôde ler mais; deixou-se cair no canto do sofá a soluçar e assim vieram encontrá-la as duas filhas.

XIII

A súbita partida de Joaquim não fôra combinada sem cúmplices. E as economias dos irmãos, juntas à importante verba dos primos Gonçalo e Eugénia, tinham ido juntar-se ao resultado da venda do seu relógio de ouro e da sua querida bicicleta, para se comprar o bilhete de 2.ª classe no «João Belo».

Só Pedro ignorava em absoluto o louco projecto. Hugo tentara dissuadir o irmão fazendo-lhe ver a ingratidão que isso representava para a boa tia Angélica, em casa de quem êle vivia. Mas, aos seus argumentos sensatos, Joaquim, numa longa carta, respondeu:

— «O meu espírito de aventura não me deixa continuar nesta vida... sem vida! Preciso de ir mar fora (já que não posso voar pelos ares acima) até à África; lá hei-de achar em que me entreter, em que trabalhar. Verás que faço vida por lá, Hugo! Escreve-me para a posta restante de Luanda. Teu irmão — Joaquim.

— A minha desculpa está em vencer! Quero e hei-de trabalhar como um homem. Nada de sentimentalismos — pensava Joaquim, durante a longa viagem através dos mares.

E foi nessa disposição enérgica que desembarcou em Luanda e resolveu hospedar-se numa casa que ouvira recomendar a bordo do «João Belo».

Levava bastante dinheiro, graças à generosidade dos irmãos e primos que, a título de empréstimo, lhe tinham adiantado uma soma importante. Seria essa a primeira dívida que êle pagaria, logo que arranjasse trabalho.

Passeiou pela cidade tôda a tarde; e espantou-se sinceramente com o aspecto moderno das largas avenidas, a grandeza de certos edifícios e o movimento da cidade, que lhe pareceu lindíssima! E Joaquim estava contente, cheio de alegres esperanças de futuro.

Eis que na manhã seguinte viu passar, mesmo em frente da casa onde morava, um enorme grupo de rapazes e raparigas, desembarcados, de-certo, de algum navio vindo da Europa. Preguntando ao criado preto se sabia de alguma excursão preparada, o preto escancarou a enorme bôca num largo riso e exclamou:

— Mininos todos di Pôrtugá, stô! Vem vapô Angola, vem vê terra di preto! Vão dipoi marchá no capim...

Mais nada conseguiu saber naquela manhã; mas pensou logo em como seria delicioso acompanhar a interessante excursão de gente nova!

Soube, depois, que a caravana partia no fim da semana. Preparou mantimentos, comprou roupa de malha fina, umas botas altas para atravessar o mato e, quando chegou o dia da partida, juntou-se aos muitos rapazes que iam a pé com os pretos que carregavam coisas várias, necessárias à expedição. Por felicidade, logo vinham dois rapazes seus conhecidos, ambos da «Mocidade Portuguesa» como êle, estudantes do liceu de Leiria.

E a excursão partiu através do mato, entre os vivas da população de Luanda. Joaquim, entusiasmado, nunca pôde esquecer a impressão de prazer que lhe deu aquela partida de Luanda e a travessia da floresta em que se embrenharam todos! Havia automóveis que levavam senhoras e raparigas novas; outras, porém, preferiam ir a pé; e era um gôsto vê-las andar com passos firmes, botas altas, saias curtas, os chapéus de feltro ou boinas sôbre os cabelos cortados! A alegria que reinava em todo o grupo era altamente comunicativa, estendendo-se até aos pretos, que constantemente mostravam as suas dentaduras de neve.

Depois de muitas horas de marcha, chegaram à clareira. Fetos arbóreos, confundindo-se na sua altura com palmeiras, e árvores de frondosa folhagem, davam àquele recinto uma luz especial duma beleza estranha e misteriosa...

Houve um descanso. Armou-se uma grande tenda, ergueram-se mesas e bancos de lona e todos comeram com apetite. Surgiam macaquitos, saltando das árvores para o chão, a comer as migalhas que caíam ou lhes davam, e eram risos e gritos sem fim!

Em breve recomeçou a alegre marcha. Agora cantavam côros animados, que melhor os estimulavam a andar; e a impressão geral de encanto mais aumentou ao verem brilhar, entre, a folhagem, água cristalina!

Um largo rio surgiu; sôbre as suas águas, pirogas com pretos meio nús, deslizavam como gôndolas ligeiras... Gritos de entusiasmo saudaram a aparição do lindo rio! Não longe dali, armaram-se as tendas para passar a noite.

Reinava um profundo silêncio nas barracas; e, diante delas, ardiam enormes fogueiras para afuguentar os animais da floresta.

Os pretos dormiam fora, estendidos, ou acocorados, no chão; os «chauffeurs» tinham preferido pernoitar dentro dos seus carros. Que silêncio... Joaquim não conseguia dormir; e, mal raiou a fraca luz do crepúsculo matutino, através das frinchas da tenda, baixou a cabeça, espreitando por baixo da lona, junto à esteira que lhe servia de cama.

Como devia ser lindo ver nascer o sol naquela floresta africana!... Um grito estrídulo chegou aos seus ouvidos: que bicho estranho o teria soltado? Levantou-se de mansinho, pegou na mala que lhe servira de almofada, calçou as botas e saiu, com mil cuidados, para que o não ouvissem os seus companheiros de barraca.

(Continua)

Carta às raparigas

Não há época mais risonha, mais cheia de alegres projectos, do que a do Ano Novo, queridas amiguinhas. E qual de vós não terá planos agradáveis a realizar, neste ano que começou? Trabalhos, estudos, leituras, passeios, vestidos, visitas, festas... Mas esta época alegre, em que a vossa vida se enche de projectos auspiciosos, só poderia ser completa se fôsse de Alegria... para todos. Infelizmente, porém, há lares tristes, onde reina a pobreza, a doença, a ignorância, a descrença, a maldade... E não está na nossa mão evitar e corrigir êsses males dolorosos.

Contudo podemos, sim, não nos deixar invadir pela indiferença ou pelo egoísmo: esquecendo, no gôzo da nossa felicidade, aqueles que não a têm. *Dar felicidade aos outros* é das coisas mais requintadas, mais superiores, que existem! E se, à entrada do Novo Ano, nos propuzermos êsse fim, a nossa própria felicidade será aumentada largamente!

Dar Alegria! Dar Prazer! Dar Felicidade! Dar! Dar! Dar!

E se, para isso, tôdas as épocas são boas, é certo que encetar o Novo Ano a fazer Bem, empregando nisso todo o entusiasmo de que é capaz a nossa alma, é uma gar antiasegura da nossa própria Alegria.

Queridas Raparigas, não queiram viver egoìstamente: deixem que as vossas alegrias irradiem, como luz quente e brilhante, num largo âmbito. E lembrem-se que, com o Nascimento de Jesus... a nossa alma também deve *renascer* para o Bem!

Seja feita a Vossa vontade!

PROGRAMA DA PAZ

"O PAI NOSSO"

O PAI NOSSO encerra, na verdade, um programa de Paz; para o mundo e para o coração de cada um de nós cada uma das suas frases é um grito de harmonia e fraternidade.

Se todos os povos vivessem a elevação e o significado desta oração sublime, não se lançariam em lutas destruidoras e sangrentas.

A segunda das suas frases: «Santificado seja o Vosso Nome» que beleza encerra! Mas como devemos nós santificar o nome de Deus? A melhor glória que lhe podemos dar e a melhor maneira de santificar o Seu Nome é manter a bênção da fraternidade na terra, amar o próximo, não atentar contra êle com armas mortíferas, é fazer reinar a Paz no universo.

«Venha a nós o Vosso Reino».

Não haverá ninguém que não anseie ir para o Reino de Deus. Para isso é necessário merecê-lo, com um proceder na terra fóra de todo o egoísmo.

Os homens que provocam lutas sangrentas, em que morrem tantos inocentes, não poderão por certo gozar o Reino de Deus nem de-certo êles o pretendem.

Que todos o possam gozar e ir para Êle dum pobre leito, envolvidos num simples lençol, mas do seio da sua família, e não vítimas das bombas que a maldade dos homens espalha na terra.

«Seja feita a Vossa vontade assim na Terra como no Céu».

Que programa de paz esta frase contém! Se todos cumprissem a vontade de Deus, o mundo não sofreria tanto, não se derramariam dia a dia caudais de lágrimas, como vemos derramar por êsse mundo fora.

A vontade de Deus é que nos amemos uns aos outros como irmãos, e não que nos lancemos uns contra os outros como feras, apossados dum egoísmo feroz.

Se a Sua vontade fôsse cumprida não ficariam tantas mãis, espôsas, filhos e irmãos sem os seus entes queridos, uns mortos no campo da batalha, outros vítimas inocentes da metralha de aviões.

«O Pão nosso de cada dia nos dai hoje».

Deus deu-nos as faculdades de trabalho para podermos com o nosso esfôrço ganhar o pão para mitigar a fome. Para quê ambicionar mais? Para que querem os homens concentrar em suas mãos reinos e reinos que não lhes pertencem, trazendo assim a infelicidade a tantos lares?

Dai-nos o pão de cada dia, mas ganho com o nosso trabalho e suor do nosso rosto. O pão obtido por meios menos lícitos deve ter o sabor dos frutos antes de estarem amadurecidos.

«Perdoai as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido».

Que bela seria a vida, se tôda a gente meditasse e seguisse o pensamento contido nesta frase sublime! Perdoar a quem nos ofende! Nada há mais belo e consolador do que perdoar uma ofensa que nos foi feita. Que paz, que sossêgo invade o coração de quem perdoa! Bastaria esta frase para tornar o «Pai Nosso» um verdadeiro programa de Paz.

Onde existe o perdão, jàmais existirá discórdia! onde existe o perdão, jamais existirá guerra!

«Não nos deixeis cair Senhor em tentação».

Estas palavras deviam andar sempre no pensamento de tôda a gente, pois todo o homem, porque é fraco, tem tendência para pecar. Mas se empregamos uma grande fôrça de vontade, ao sentirmo-nos invadidos pela tentação, Deus virá em nosso auxílio. Não nos deixará praticar o mal e guiar-nos-á para o bem.

Os homens são tentados, e êles, na sua cegueira, deixam-se cair sem elevarem o seu pensamento a Deus numa prece de socorro. Se assim fizessem, «Deus os livraria de todo o mal» como se implora no último verso desta oração divina.

Maria Helena Esteves - *Vanguardista do Centro n.º 1 da Ala de Faro*

«No dia da Mãe»

O Amor de Mãe é eterno...

ESTAVA-SE em Dezembro. Um vento agreste varria tudo em redor com seus ímpetos furiosos. Sentada à lareira, olhos fitos na chama que iluminava tôda a casa, via-se um vulto de mulher que, pela brancura dos cabelos se notava já ter passado, há muito, a mocidade. Absorvida em mudos pensamentos, não dava pelo temporal que lá fora fazia, e soltava de vez em quando um fundo suspiro. Qual seria a causa da tristeza que a dominava? «Saüdades, recordações...»

Sim, recordações. Naquela noite tôda a sua vida passada se lhe desenrolava aos olhos, qual fita de cinema num écran: a mocidade despreocupada e feliz; o casamento num dia radioso de Primavera; o nascimento do filho; a partida do casal para Espanha; o viver calmo e tranqüilo de cinco anos na capital espanhola; a partida dela e do filho para Portugal, por motivo da educação dêste; a morte trágica do marido num desastre, anunciada por um telegrama, cujas palavras ainda conservava gravadas no coração; a mudança do filho para o Liceu; a grave doença dêste que por milagre não perecera; a sua transição para a Faculdade; pouco depois a formatura. E, por fim, o golpe decisivo, naquele coração amargurado: a brusca partida de João para Moçambique em procura de riqueza e de glória. Nisto se resumia a vida daquela pobre mãi que com o rosário nas mãos e as lágrimas nos olhos, olhava o grosso lenho que ardia a seus pés. João partira há 20 anos e não mais escrevera. Certamente não compreendia o sacrifício da mãi: a renúncia da vida feliz junto do marido para educar e velar pela formação moral e intelectual daquele a quem dera a vida. Ou mais: não tinha sentimentos de amor filial ou, se os tinha, não os mostrava, visto que em 20 anos nem um simples bilhete escrevera. No entanto, aquela mãi esperava, esperava sempre. Talvez que o Menino Jesus fizesse o milagre e... Foi com êste pensamento que se deixou adormecer para sò acordar a um bater nervoso na porta. Seria êle? Podia ser que...

Com passo firme e o sorriso nos lábios abriu a porta e qual não foi a sua alegria quando reconheceu o filho, o seu João.

«Minha mãi!»

«Meu filho!» foram as únicas palavras que se ouviram daqueles dois entes abraçados que choravam e riam convulsivamente. Deus Menino fizera o milagre. Para o agradecer mãi e filho foram ouvir a tradicional «missa do galo». João, porém, conversando consigo próprio parecia dizer: «Como é bom o amor de mãi! Os outros que conheci não passaram de puras ilusões. Agora sim é que conheço que há na Terra ainda o Bem, a Ternura, a Abnegação, o Sacrifício desinteressado, o Perdão: Não os encontrei hoje em minha Mãi?»

Maria Anacleto Dias Neves - *Vanguardista do Centro n. 1, Faro. Algarve*